

IDEOLOGIA E INTOLERÂNCIA: A EXTREMA DIREITA LATINO-AMERICANA E A ATUAÇÃO NO BRASIL DOS HERDEIROS DO EIXO

JEFFERSON RODRIGUES BARBOSA*

Resumo: Os meios jornalísticos e produções acadêmicas nos últimos anos têm destacado em âmbito internacional manifestações de movimentos e partidos políticos de extrema direita. Os integralistas contemporâneos são aqui interpretados como expressões nacionais deste fenômeno na América do Sul e, organizados na sociedade civil estão difundidos em núcleos espalhados em nove Estados brasileiros. Novas e antigas gerações de integralistas buscam mobilizar adeptos e simpatizantes através das novas formas de interação e propaganda política, que utilizadas como ferramentas diretivas e organizativas, além dos tradicionais jornais e informativos impressos, potencializam a mobilização entre militantes. A investigação das novas formas de organização e atuação e, a análise das possíveis permanências e mudanças da ideologia nacionalista dos integralistas formulada na década de 1930, na releitura dos atuais ativistas, são os objetivos da investigação. Na investigação são utilizados os jornais impressos e os sites dos grupos mais expressivos dos herdeiros do Eixo.

Palavras-chave: integralismo, ideologia, extrema direita, propaganda política, nacionalismo.

INTRODUÇÃO

O nacionalismo constituiu um componente fundamental das ideologias de direita. Partindo da idéia do darwinismo social e fundamentados em visões organicistas da sociedade os nacionalismos de direita exerceram uma violenta, xenófoba, e elitista exclusão aos antípodas de seus respectivos projetos de Estado. Dessa forma, os nacionalismos de direita bem se adequaram à sustentação da sociedade de classes, já que vêem a luta de classes como uma doença do corpo social condicionada pelo individualismo liberal e fomentada pelo socialismo.

Como extensão desta visão orgânica, os nacionalismos de direita, como o da Ação Integralista Brasileira – AIB enaltecem a hierarquização das sociedades no intento da construção de um projeto de Estado “genuinamente nacional”. E, no contexto da ascensão das ideologias chauvinistas que marcaram a primeira metade do século XX, os integralistas foram na América Latina a mais expressiva organização política de massas portadora de um projeto político aproximado em aspectos ideológicos e organizacionais das potências do Eixo sob o comando do Fascismo e o Nazismo.

No contexto internacional contemporâneo de denúncia de atuação de antigos e novos grupos

portadores de valores intolerantes, marcados pela discriminação racial, a homofobia e o discurso contra imigrantes, o retorno à insanidade configurada no neofascismo e neonazismo possibilita o debate crítico em torno de concepções que advogam o “Fim da história” e o “fim das ideologias”.

Por algum tempo, no contexto das últimas décadas do século XX, os críticos do Ocidente anunciaram o colapso do comunismo na Europa Oriental como “o fim da história”, insistindo que as concepções de capitalismo e liberalismo tinham prevalecido sobre ideologias rivais de uma vez por todas.

Os gritos de vitória de Fukuyama e de outros conservadores do Ocidente, no entanto, se mostraram prematuros. E, enquanto movimentos e partidos políticos buscavam os modelos políticos e econômicos neoliberais, outros se voltavam para o passado.

De um lado do espectro, organizações nacionalistas de extrema direita¹ exercem influências e têm-se estabelecido firmemente como parte da cultura política no século XXI, exercendo também atuação nos países latino-americanos como o Brasil.

RESSONÂNCIAS POLIFÔNICAS NA AMÉRICA DO SUL: O NEO-INTEGRALISMO E SEUS CONGÊNERES NACIONAIS NO BRASIL.

Os movimentos e partidos portadores de ideologias xenófobas, marcadas pelo chauvinismo souberam aproveitar contextos políticos depois de 1945 e, segundo Somoza (2006), foram favorecidos pela realidade do período da guerra fria onde podiam

continuar levantando as bandeiras do anticomunismo e do nacionalismo.

Após o término da Segunda Guerra, de acordo com Vizontini (2000), são evidenciadas redes de solidariedade ideológica entre organizações políticas filiadas a concepções ideológicas de extremismo de direita. E, no Brasil, os antigos aliados do fascismo italiano e seus congêneres, depois de 1945 continuaram a rearticular-se, possibilitando em perspectiva gramsciana a interpretação de uma guerra de posição, na continuidade de atuação desses grupos em espaços da sociedade civil.

No plano econômico as conseqüências do processo de reestruturação produtiva do capital, propiciando crises nas economias dos Estados nacionais, potencializaram discursos nacionalistas em oposição às mudanças ocorridas nas últimas três décadas. E, no plano político, com as políticas conservadoras de Thatcher e Reagan, foram propiciadas condições para a continuidade de articulações e alianças entre diferentes matizes da direita (VIZENTINI, 2000). A conjuntura internacional influenciada pela administração conservadora hegemônica propiciou espaços na sociedade civil e na sociedade política para grupos com solidariedade ideológica no clima do final da Guerra Fria, solidariedade potencializada, sobretudo após os atentados de 11 de setembro de 2002.

Nesse contexto também no Brasil foram organizadas diferentes correntes políticas que, singulares em suas configurações ideológicas, são aproximadas em suas concepções nacionalistas excludentes marcadas pelo discurso da ordem moral, do anticomunismo e do antiliberalismo como a Tradição Família e Propriedade (TFP), o Partido da Reedificação da Ordem Nacional (PRONA) e o Partido Nacional Socialista Brasileiro (PNSB), articuladas em associações e movimentos na sociedade civil e partidos no âmbito da sociedade política. A atuação na sociedade e a presença nos meios de comunicação de movimentos e partidos chauvinistas são evidenciadas nos meios jornalísticos ganhando crescente espaço entre as pesquisas científicas, sobretudo na Europa e na América do Norte (FLORENTIN, 1994; JIMENEZ, 1997) e de forma progressiva na América Latina (TRINDADE, 2004).

No Brasil novos trabalhos acadêmicos enfocam também a atuação de grupos como, Skinheads (COSTA, 1993; GRANDE, 2001), White Powers, Carecas do Subúrbio (ALMEIDA, 2004) e Neonazistas (CRUZ, 2002; BARENBEIN, 2007; DIAS, 2007). E, novos estudos apontam as

¹ “O termo Extremismo traz implícita uma conotação negativa, que evoca remotos antecedentes filosóficos: já na ética aristotélica, o equilíbrio, a racionalidade, a virtude coincidem com o justo meio, enquanto que os extremos são as paixões de que é preciso fugir. [...] o Extremismo indica uma tendência no campo doutrinário, um comportamento ou um verdadeiro e específico modelo de ação política adotados por um movimento, por um partido, por um grupo político, que rejeita as regras do jogo de uma comunidade política, não se identificando com as finalidades, os valores e as instituições prepostos à vida pública, e fazendo por modificá-los radicalmente. O que caracteriza o Extremismo é, em última análise, a tendência em ver as relações políticas nos moldes das alternativas radicais, a conseqüente recusa em aceitar a gradualidade e parcialidade dos objetivos, a repulsa à negociação e ao compromisso, e a urgente busca do “tudo e agora”. [...] Existe um tipo de Extremismo convencionalmente considerado como de direita, emanação direta de classes de categorias sujeitas a uma repentina perda de status e de condição e de uma drástica redução de sua influência política. É o Extremismo daqueles que, “em outros tempos foram possuidores” e cujo comportamento político está voltado para a defesa a todo custo e/ou para a reconquista das suas tradicionais prerrogativas políticas-sociais. O comportamento extremista desses grupos se concretiza historicamente no surgir de movimentos e partidos portadores de uma práxis eversiva e violenta, que rejeitam os vínculos formais da transformação do conflito em controvérsia, próprios da tradição parlamentar”. BELLIGNI, Silvano. Extremismo. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. 2. ed. Trad. João Ferreira, Carmem C. et al. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986. p. 457-459.

rearticulações de velhos militantes AIB com novas gerações de integralistas a partir de 1980 até a atualidade (CARNEIRO, 2007; CRUZ, 2004a, 2007). A Ação Integralista Brasileira enquanto partido político foi reprimida oficialmente durante o Estado Novo, porém a sua militância perdura aos desdobramentos do pós Segunda Guerra Mundial (CALIL, 2005).

A AIB desde a primeira fase, entre 1932 a 1938, é aqui interpretada como um aparelho privado de hegemonia que aglutinou segmentos políticos de tendências variadas: anti-semitas, simpatizantes e seguidores do fascismo italiano, e nacionalistas ligados ao catolicismo social. O integralismo em seu projeto político, na década de 30, foi defensor de um projeto de Estado Intervencionista, marcado pela ênfase na mobilização política e pela utilização de técnicas modernas de propaganda para difusão de sua ideologia, através de partido político centralizado, caracterizado principalmente pelo nacionalismo exacerbado ou chauvinismo burguês (BARBOSA, 2007).

Já na segunda fase de continuidade do integralismo, o partido de Representação Popular - PRP, fundado por Plínio Salgado, era relacional ao contexto em que antigos integralistas sobreviviam dentro de legendas partidárias conservadoras no processo político brasileiro entre 1945 e 1965 (CALIL, 2005). Atualmente os integralistas buscam reestruturar o movimento depois do fim do PRP, legenda que aglutinava os seguidores do partido que foi extinto depois da ditadura militar.

Na contemporaneidade a terceira fase da militância integralista se rearticula mesmo marcada pela descentralização partidária, com militantes comprometidos com a difusão de sua ideologia. A partir da década de 1980, as novas e antigas gerações de integralistas, mesmo não estando mais articuladas em um partido único, buscam mobilizar simpatizantes e filiar novos militantes. Segundo Carneiro (2007, p.151-153) em Tese pioneira sobre os denominados neo-integralistas:

Com a entrada dos anos 80 tentou-se a reorganização em formas de associações que pretendiam reviver a antiga prática integralista de doutrinação por encontros e cursos específicos. Dentre estes, o mais importante na reorganização do integralismo foi o Centro Cultural Plínio Salgado, localizado em São Gonçalo, Rio de Janeiro. Seu fundador e mantenedor era o advogado Arcy Lopes Estella [...] na juventude um membro da militância integralista na década de 1930. Durante a

segunda metade da década de 1990, Arcy manteve viva a idéia de união do movimento, organizando em sua caderneta a rede de contato dos que defendiam a permanência da memória integralista, desde velhos a novíssimos militantes. Alguns grupos nacionalistas, mas não necessariamente seguidores diretos do integralismo também freqüentavam o Centro Cultural Plínio Salgado. Alguns deles pertencem ao movimento “Carecas do Rio”. Atualmente, este grupo mantém estreita ligação com o movimento considerando-se parte dele, mas com certa independência em relação aos três grupos mais expressivos, a Frente Integralista Brasileira (FIB) O Movimento integralista Linearista do Brasil (MIL-B) e a Ação Integralista Revolucionária (AIR). [...] O apadrinhamento da velha militância daria aos “novos” a necessária ligação física com o pensamento de Salgado. Os debates principais, juntamente se davam e ainda se dão sobre o modo de reorganização do movimento. Alguns apóiam a reorganização como Partido, outros defendem que a essência integralista é antipartidária, pois a existência de partido faz parte da essência da democracia liberal que abominam. Assim sendo, o novo integralismo, atualmente, é composto de diversas correntes multiplicadas de norte a sul do país, principalmente sudeste e sul, que buscam legitimar a auto-referencia de verdadeiro herdeiro do integralismo.

As tentativas de rearticulação dos integralistas contemporâneos podem ser evidenciadas pela questão dos dois Congressos Nacionais organizados pelos atuais núcleos, em 2004 foi realizado o “I Congresso Integralista para o século XXI” e, em 2006 o “II Congresso Nacional Integralista”, ambos os eventos ocorreram na cidade de São Paulo².

² Segundo o relato de Carneiro em sua observação participante enquanto pesquisadora no referido Congresso: “[...] em dezembro de 2004 reuniram-se os grupos dispersos que tentavam dar uma unidade ao integralismo. O 1º Congresso Integralista para o Século XXI reuniu-se na sede da UND (União Nacionalista Democrática) na capital paulista para nova tentativa de reorganizar a AIB. Esta pequena assembléia que reuniu representantes de Centros e Estudos e Debates Integralistas (CEDIs), núcleos diversos de simpatizantes que haviam se organizado em seus locais de origem com propostas debatidas internamente com o objetivo e expô-las e discuti-las no encontro, decidiu-se pela fundação do MIB (Movimento Integralista Brasileiro) e do Conselho Nacional Integralista formado por 40 membros que assumiram a missão de “resgatar o integralismo em todo o Brasil”. Deste encontro também participaram representantes do PRONA, da União Católica Democrática, do MV-Brasil (Movimento pela Valorização da Cultura, do Idioma, e das Riquezas do Brasil), alguns militares da ADESG (Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra) e UND. O que então pude constatar é que esta pequena parcela da direita brasileira, carregado de posições ultranacionalistas procura através da organização conjunta, consolidar um discurso que não pretende levar em conta o debate democrático, preferindo fazer valer seus pontos de vista a partir de posições intolerantes e violentas (CARNEIRO, 2007, p. 153-154).”

A Frente Integralista Brasileira (FIB), entre os novos grupos de integralistas, defende a manutenção da ideologia formulada originalmente na década de 1930, porém outras organizações de militantes enfatizam a necessidade de revisão das concepções integralistas diante das novas conjunturas contemporâneas, como o Movimento Integralista Linearista - MILB e a Ação Integralista Revolucionária – AIR.

A Frente Integralista Brasileira (FIB) é hoje a organização mais representativa dos integralistas, e foi criada em 2004, resultante do “I Congresso de 2004”. Está organizada, segundo dados de seu site³, em treze núcleos espalhados em oito Estados, localizados principalmente na região sudeste na cidade de São Paulo, através da Casa Plínio Salgado e do Núcleo Integralista de Guarulhos. No Rio de Janeiro, através do Centro Cultural Plínio Salgado, em São Gonçalo, do Centro de Estudos e Debates Integralistas – CEDI, na capital e no Núcleo integralista de Niterói. A FIB aglutina também organizações em importantes cidades com núcleos no Rio Grande do Sul e Paraná e, no nordeste em Pernambuco e Bahia, somente a região centro-oeste e norte estão ausentes de representação. Existem, porém, núcleos independentes como o Núcleo Integralista de São Luís no Maranhão e o núcleo de Campinas de São Paulo, denominado o de Movimento Integralista Linearista Brasileiro.

O Movimento Integralista Linearista (MIL-B) foi fundado em 2004, pelo policial federal Cássio Guilherme Reis Silveira que antes participava de reuniões na Casa Plínio Salgado, em São Paulo. Porém, devido a sua defesa pela reinterpretação da ideologia integralista, denominada de Linearismo, ocorreram atritos, que levaram Cássio em 2006, a tornar o núcleo de Campinas independente da FIB, privilegiando a reinterpretação das concepções ideológicas de Gustavo Barroso e Plínio Salgado, enaltecendo o anti-semitismo, readaptado sob a denominação de anti-sionismo.

O Linearismo destaca-se entre os novos grupos, assim como a Ação Integralista Revolucionária (AIR), pois têm como proposta a releitura e atualização da ideologia integralista oficial da década de 30, diante dos problemas da atualidade. Nesse sentido estas duas organizações integralistas contemporâneas são renegadas pelos integralistas tradicionalistas que buscam preservar as formulações ideológicas impostas pela liderança da AIB no período de sua fundação nas primeiras décadas do século XX.

A Ação integralista Revolucionária (AIR) é o terceiro grupo contemporâneo mais expressivo, sob a liderança de Jenyberto Pizzotti, com sede na cidade de Rio Claro em SP, criada em 25 de dezembro de 2004, seu diferencial entre os neo-integralistas insere-se na crítica a organização partidária. Para o terceiro grupo em questão a organização deve estar centrada no integralismo enquanto movimento, construído a partir de células, utilizando-se em grande medida da comunicação virtual, sob a coordenação de uma presidência, atualmente exercida por Jenyberto. Como os militantes da AIR não possuem núcleos, a sua forma de organização está intrinsecamente relacionada às estratégias não presenciais como a internet, privilegiando o ciberespaço como forma de interação política, onde a utilização de ferramentas como o site de relações Orkut e outras possibilidades da rede são utilizados de forma a diferenciar a AIR dos demais grupos.

É interessante a adaptação dos herdeiros da ideologia integralista com as novas formas de organização de grupos juvenis nacionalistas, como os skinheads; presentes em diversos países.

Os skinheads surgiram no Brasil por volta de 1981 na zona leste da capital paulista que, por ser uma região periférica, a esta facção se deu o nome de “Carecas do Subúrbio”, facção esta composta por jovens trabalhadores das indústrias e comércio de São Paulo. Naquela época diante da crise econômica dos anos 80, afetando o mercado de trabalho na área onde surgiu este grupo, a cultura skinhead propagou-se e afirmando-se como uma ideologia nacionalista e proletária em repúdio as transformações oriundas da introdução das políticas neoliberais do período⁴.

A investigação dos integralistas contemporâneos possibilita, numa perspectiva crítica, o estudo das permanências e mudanças nos valores preconizados pelos líderes da AIB Plínio Salgado, Gustavo Barroso e Miguel Reale. As leituras parciais dos conteúdos dos jornais e sites dos atuais núcleos revelam discordâncias e conflitos entre diferentes grupos como a FIB, MIL-B e a AIR, assim como entre as organizações juvenis de skinheads integralistas, vinculadas aos Carecas do ABC. Esses movimentos buscam interpretar o contexto contemporâneo e as

⁴ Segundo Grande (2001, p.110): “Apenas para diferenciar um pouco mais o conjunto de skinheads brasileiros cabe esclarecer que há, também, outras facções, como os “Carecas do ABC” que são integralistas [...] acreditam na tríade Deus, Pátria e Família, entrando em evidência a questão do catolicismo, e odeiam os comunistas, os homossexuais, os drogados e judeus pertencentes ao sionismo [...] Desse modo, existem várias facções; no entanto, estas aderem a uma das três ideologias: anti-racista (Carecas do Subúrbio), integralista (Carecas do ABC), ou neo-nazista (Skinheads White Power).”

³ Disponível em <http://www.integralismo.org.br/novo/>; Acessado em: 17 de outubro de 2007.

estratégias para a nova militância de acordo com suas releituras dos livros dos teóricos e líderes da AIB na década de 1930.

Em contraposição as tradicionais teorias sobre o fascismo baseadas em critérios explicativos assentados no papel do líder carismático e do partido único de massa, e de base social composta por elementos da pequena burguesia, os movimentos e partidos de extrema direita apresentam-se como um pertinente objeto de investigação para as Ciências Sociais, despertando também preocupações em setores da Inteligência Militar⁵. Pois, em muitos casos, mesmo não estando mais organizados dentro de legenda partidária e sem uma liderança central, possuem uma rede de articulação e divulgação internacional de suas ideologias, assim como, práticas violentas, racistas e xenófobas.

No cenário internacional, após a Reunificação alemã e dos 50 anos do final da Segunda Guerra Mundial, vários países da Europa e, na América do Norte os EUA, começaram a tornar público os seus arquivos, em parte referente ao fascismo e ao nazismo estimulando novas pesquisas. E, principalmente o ressurgimento de movimentos extremistas de direita e, de vitórias eleitorais ou votos representativos em proporção numérica, de políticos ligados às tendências em questão, no final do século XX e início do século XXI, geraram grande repercussão na mídia e levaram pesquisadores a reverem as análises do fascismo que relacionavam o regime diretamente ao contexto do pós Primeira Guerra Mundial.

A CONCEPÇÃO DE EXTREMA DIREITA COMO DEFINIÇÃO CONCEITUAL PERTINENTE PARA O ESTUDO DE DETERMINADOS MOVIMENTOS E PARTIDOS POLÍTICOS CONTEMPORÂNEOS.

O Dicionário Crítico do Pensamento de Direita (SILVA, 2000a) denomina de - *Fascismos* - os movimentos e regimes de extrema-direita que atuaram em um grande número de países, dos anos 1920 a 1945. Nessa perspectiva, conceitos como nazismo, salazarismo, franquismo, entre outros, concernentes a experiências de extremismo político, recobririam um fenômeno político diferenciado, os regimes ou movimentos de extrema direita que atuaram em vários países no período em questão.

A versão historiográfica dos vencedores da Segunda Guerra Mundial consolidou a visão do

fascismo enquanto um fenômeno restrito no espaço e no tempo, como um fenômeno do período da primeira metade do século XX. Esta perspectiva de interpretação, seguindo uma tendência apaziguadora e restritiva era de grande interesse à geopolítica americana. É nesse contexto da Guerra Fria que surgem as chamadas teorias do Totalitarismo (SILVA, 2000b).

A diversidade de tendências políticas que expressam a nova direita dificulta também a conceituação da natureza ideológica de agrupamentos políticos contemporâneos. Nesse sentido, a perspectiva analítica da concepção de extrema direita é uma definição conceitual pertinente para o estudo de determinados processos múltiplos de movimentos e partidos políticos contemporâneos em questão (HOCKENOS, 1995; VIZENTINI, 2000).⁶

Camus (2002, p.1-5) referindo-se ao contexto europeu aponta as diferenças entre as manifestações de segmentos da extrema direita e do neo-fascismo.

Assiste-se à ascensão de uma extrema direita atípica, que substitui o culto do Estado pelo ultraliberalismo, o corporativismo pelo mercado e até, às vezes, o âmbito do Estado-nação por particularismos regionais ou simplesmente locais [...] Isso significa que as formações de uma direita dura que avançam na Europa são, em primeiro lugar, aquelas que, tendo assumido uma parte da herança ideológica dos movimentos autoritários, modernizam seu discurso, assim como sua estrutura organizacional. Defendem uma espécie de capitalismo ultraliberal protecionista, aceitam formalmente a democracia parlamentar e o pluralismo, reivindicando uma modernização, e não mais uma ruptura, do quadro institucional. Todas essas formações compartilham uma mesma reivindicação de identidade: a preferência

⁶ Os acontecimentos do mundo têm reforçado a importância da reflexão sobre o neonazismo e a extrema direita. A preocupação ao abordar esse tema, não se restringe à idéia de um movimento político em si, ou a questões exclusivamente de origens sociais, éticas, ou filosóficas ligadas a essa temática, mas sim contribuir a partir de uma dimensão histórica, principalmente calcada nos problemas internacionais que estão por detrás desse ressurgimento, já que, infelizmente, esse é um fenômeno que não está conhecendo fronteiras no mundo inteiro. Em primeiro lugar, é interessante pontuar que serão enfocadas questões um pouco diferentes: neonazismo: extrema direita (o nazismo faz parte da extrema direita, mas nem toda a extrema direita é exatamente nazista ou neonazista); e o extremismo político (que é um fenômeno mais amplo). [...] Outro aspecto que também se faz importante pontuar é diferenciá-lo (às vezes a imprensa não é muito clara ao abordar tal assunto) partido político, com filiados, militantes, *slogans* e bandeiras, e, um movimento político mais amplo, principalmente um eleitorado, que na maioria das vezes não é parte permanente desses grupos e possui características diferenciadas. E ainda um fenômeno distinto são as *gangs*, como, por exemplo, grupos de skinheads, verdadeiras tropas de choque, que por vezes esse movimentos produzem. Portanto, nem sempre são as mesmas pessoas e tem as mesmas características, sendo esse movimento, infelizmente, um processo múltiplo. (VIZENTINI (2000, p.9-20).

⁵SAMPAIO, Fernando. **Um estudo sobre os carecas urbanos e sua vinculação com movimentos neo-nazistas no Brasil.** Relatório para a Escola Superior de Geopolítica e Estratégia de 5/11/2000. Disponível em: www.defesanei.com.br/esge/carecas_do_brail.pdf. Acesso em: 10/07/07.

nacional, isto é, a atribuição de direitos políticos, econômicos e sociais somente aos nacionais de origem.

Para o autor acima citado os partidos que reafirmam sua filiação às experiências da década de 1930 têm pouca representatividade eleitoral. Nesse sentido reitera Somoza (2007, p.7):

Como elementos a ter em conta para avaliar a situação actual e as perspectivas do auge da extrema direita, em meio do conservadorismo em Europa, devemos ter em mente que a vertente política de “direita de linha dura” tenta apresentar uma “nova imagem”, distanciada do neofascismo e das forças racista e xenófobas tradicionais. Ainda não se concretizou uma denominação única, dada a sua heterogeneidade, para fazer referência a elas, entre as máis utilizadas estão as de extrema direita [...]

É crescente a atuação de movimentos e partidos políticos que buscam desvincular a identificação de suas propostas como herdeiras das ideologias dos movimentos da primeira metade do século XX, mas muitos destes propagam ideias excludentes marcadas por ideologias de nacionalismo exacerbado, adequadas às novas conjunturas do início do século XXI, como o discurso da Frente Nacional (FN) do francês Jean-Marie Le Pen.

Os que apresentam o discurso do “novo” obtêm mais eficácia, e as mudanças nos elementos ideológicos da extrema direita apresentam o desafio de investigação das teorias tradicionais do fascismo. Um exemplo ilustrativo é o do ex-líder do FPÖ, Jörg Haider do Partido da Liberdade na Áustria que busca apresentar a imagem de um político moderno adequado às condições da política liberal. Para Camus (2002, p.5):

Esse programa das direitas estremadas impõe uma questão: será que ainda se pode falar de formações fascistas e denunciar essencialmente a continuidade de suas ideologias com as expressões históricas anteriores do radicalismo de direita? Parece-nos que, ao contrário, é preciso integrar a ruptura com os esquemas antigos.

As propostas políticas e econômicas divulgadas pelos jornais e sites dos atuais núcleos neo-integralistas também apresentam textos que evidenciam a tentativa de atualização de suas concepções ideológicas, em contraposição aos elementos norteadores do integralismo de 1930.

Como exemplo desta proposição, encontra-se no artigo “Resumo das principais propostas integralistas”⁷ ideias que corroboram com a

interpretação de que afinados com a plataforma política de organizações de extrema direita no plano internacional, os integralistas contemporâneos também buscam modernizar os elementos constitutivos de sua propaganda política; como no plano econômico o apoio a investimentos do capital internacional com a atuação de empresas estrangeiras no país, no plano tributário a defesa do imposto único, no plano da saúde a proposta de hospitais financiados com o extinto CPMF e, no plano político o apoio ao pluripartidarismo e a crítica a globalização em defesa do nacionalismo. Assim como, outros conteúdos dos sites e jornais integralistas em investigação nesta pesquisa evidenciam a questão dos novos elementos arquitetados na ideologia dos herdeiros do Sigma.

Os jornais e sites dos integralistas contemporâneos buscam apresentar temas modernos como a crítica a globalização, aos movimentos sociais como o MST, a crítica ao Partido dos Trabalhadores – PT, a oposição ao aborto, a defesa da ecologia, do pluripartidarismo e a negação da identidade fascista. A análise parcial das fontes selecionadas também evidencia uma nítida divisão dos atuais militantes entre grupos tradicionalistas representados pela FIB, e grupos revisionistas que defendem a atualização da ideologia integralista diante da nova realidade do século XXI, representados pelo MIL-B e pela AIR. Nesse sentido, a investigação sobre o integralismo na atualidade suscita questões referentes às divergências, mudanças e permanências nos pressupostos ideológicos da década de 1930 divulgados pelas atuais gerações de militantes.

Os integralistas contemporâneos buscam desvincular sua imagem com o fascismo e a afirmação da singularidade de sua ideologia como proposta genuinamente nacional. Porém, como já apontou Silva (2000a), a negação dos vínculos com o fascismo e a ideia de singularidade é um elemento presente nos discursos dos grupos de extremismo político de direita. A defesa da suposta originalidade das ideologias do chauvinismo burguês, como o integralismo, é um dos elementos constitutivos da propaganda política dos fenômenos em questão (SILVA, 2000a).

Os neo-integralistas, segundo expressão utilizada em trabalho pioneiro sobre o tema (Cruz, 2004a), são aqui compreendidos como expressão nacional da extrema direita.

PROPAGANDA POLÍTICA, NOVAS TECNOLOGIAS E IDEOLOGIA: A FILOSOFIA DA PRÁXIS COMO MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO.

⁷ GUILHREME, C. Resumo das principais propostas integralistas. Disponível em: <http://br.geocities.com/nucleointegralista/resumo.html>. Acessado em 4 de outubro de 2007.

No final da década de 1980 os movimentos e partidos políticos centravam sua propaganda nos meios impressos, radiofônicos e televisivos. A comunicação e propaganda, porém, foram potencializadas pela rede mundial de computadores, abrindo novas possibilidades de mobilização e propaganda política. Nas disputas políticas do século XXI as possibilidades das novas tecnologias utilizadas para a propaganda política, também marcam as organizações e partidos aqui em discussão. Através da socialização ideológica no ciberespaço, variados segmentos da extrema direita encontram um novo território para a ação e propaganda (JESUS, 2006; CRUZ, 2004a; BARENBEIN, 2007; ALMEIDA, 2004).

A política está no espaço da comunicação, como afirma Castells (2000) e as antigas e novas gerações de integralistas na atualidade suplantam as possibilidades da imprensa tradicional e estão também envolvidas com novas formas de socialização ideológica através de novos recursos de comunicação, juntamente com jornais e informativos impressos.

A FIB destaca-se realizando de forma programada reuniões entre seus ativistas através de Chats exclusivos do site oficial, ou “sede virtual” disponibilizando grande quantidade de artigos para a formação de seus militantes⁸. O Núcleo integralista do Rio de Janeiro na questão da comunicação também inova ao utilizar serviços de mensagens para celulares através de “torpedos” para seus membros também se destacando pelos inúmeros artigos discutindo a conjuntura brasileira e internacional sob a ótica de suas “perspectivas nacionalistas para o século XXI”⁹.

O site que mais se destaca pela quantidade de fontes a serem utilizadas na presente pesquisa é a página do Movimento Integralista Linearista Brasileiro (MIL-B), contando inclusive com um freqüentado Fórum de discussão, além de muitos artigos discutindo a necessidade de revisão de elementos da ideologia integralista diante da interpretação “Linearista”¹⁰.

A Ação Integralista Revolucionária (AIR) destaca-se entre os novos grupos pela utilização de

comunidades virtuais através do Orkut, divulgando um modelo descentralizado para o integralismo entendido enquanto movimento político, onde seus adeptos organizam discussões e atividades¹¹.

Nessa perspectiva a investigação está centrada na análise da ideologia nacionalista dos integralistas, através de fontes documentais como boletins, informativos e jornais impressos¹² e conteúdos dos sites oficiais¹³ dos grupos integralistas de maior expressão e com maior representatividade na internet. A difusão e socialização ideológica do jornal político proporcionam um caráter diretivo e organizativo para movimentos políticos não organizados em partidos tradicionais, segundo o pensador italiano Antonio Gramsci (2000).

Interpretados como aparelhos privados de hegemonia, os partidos podem se adaptar, gradualmente, em direção a outra dimensão social. Segundo Ianni (2000), através da mídia e dos novos meios de comunicação, tendências políticas diversas utilizam novas tecnologias como ferramentas de socialização ideológica suplantando a esfera de ação dos tradicionais partidos políticos, inaugurando novas formas de interação entre seus militantes. Assim, os neo-integralistas suplantam as distâncias físicas e mobilizam grupos congêneres na reconstrução de possibilidades para sua militância.

A filosofia da práxis é a perspectiva que norteia a presente investigação no intento de analisar os integralistas contemporâneos como expressão nacional do fenômeno internacional de ascensão da extrema direita.

O referencial marxiano e marxista enquanto método nas Ciências Sociais refere-se sempre às condições sociais de existência, a concepção da infraestrutura determinando as superestruturas. Nos Grundrisse, Marx já deixava claro que o estudo de uma

¹¹ Disponível em <http://br.geocities.com/airevolucionaria/>; Acessado em 10 de dezembro de 2007.

¹² Os principais informativos impressos mapeados pela pesquisa e também utilizados como fontes documentais são os jornais: *Alerta*, do Centro Cultural Plínio Salgado (RJ), publicado de 1995 até 2002, o *Idade Nova* (RJ), que circulou no final da década de 1990, o *Informativo CEDI* (RJ) que começou a circular em 1999. A partir do início no ano 2000, o jornal *Avante* de Niterói, (RJ), *Quarta Humanidade* e o *Ofensiva*, ambos do Paraná e o informativo distribuído pela casa Plínio Salgado. Estas, aqui relacionadas são as publicações da associação de núcleos integralistas que formam a Frente Integralista Brasileira (FIB). O MIL-B, além do site e listas de discussão na rede, têm como veículo de propaganda impresso o jornal *O Integralista Linear*, que começou a circular em 2006. Este último agrupamento integralista, possuindo núcleo somente em Campinas, edita uma única publicação central.

¹³ Os principais sites dos grupos integralistas em análise são: <http://www.integralismo.org.br/novo/>; <http://www.integralismonosul.net/>; <http://www.sene.org.br/>; <http://www.anauefoz.hpg.ig.com.br/>; <http://www.integralismorio.org/>; <http://br.geocities.com/airevolucionaria/>; <http://www.doutrina.linear.nom.br/>; <http://br.groups.yahoo.com/group/integralismus/messages>.

⁸ Disponível em: <http://www.integralismo.org.br/novo/>, acessado em 15 de dezembro de 2007.

⁹ Disponível em: <http://www.integralismorio.org/>; <http://br.geocities.com/airevolucionaria/>; Acessado em 10 de dezembro de 2007.

¹⁰ Disponível em <http://www.doutrina.linear.nom.br/>; <http://br.groups.yahoo.com/group/integralismus/messages>. Acessado em 10 de dezembro de 2007.

sociedade deveria começar pelo de sua morfologia. Como é exemplificado no Manifesto Comunista, é a morfologia social que permite a compreensão da totalidade nas disputas ideológicas como manifestações da lógica da luta de classes.

Em Gramsci também é presente a preocupação de ligar os fatos políticos à morfologia social. O autor, contemporâneo do contexto político que ele mesmo definiu como Regime de Estatolatria, entendia o Fascismo como uma forma de revolução passiva, uma revolução restauração articulado pela aliança de setores conservadores e da pequena burguesia. Coutinho (1989) denominou a questão do limite “histórico-ontológico” a análise gramsciana do fascismo: por um lado, a visualização da base de massa pequeno-burguesa do movimento fascista e, por outro, inicialmente a não-percepção completa do caráter abertamente ditatorial assumido pelo regime fascista. Segundo o autor, caberia a Palmiro Togliatti (1978) o trabalho singular de sistematizar a reflexão sobre o fascismo, reunindo o elemento movimento e o elemento regime (COUTINHO 1989).

Na contemporaneidade os herdeiros dos Regimes de Estatolatria do Eixo exercem sua militância enquanto movimentos e partidos políticos em disputa na sociedade civil, nesta perspectiva, o neo-integralismo é entendido como movimento político “Sob a sombra do Eixo”¹⁴ na sociedade brasileira.

Os integralistas contemporâneos compreendidos como movimento composto por Intelectuais Lorianos, na acepção gramsciana, mesmo não estando mais articulados em partido de massa, exercem novas possibilidades organizativas e diretivas através dos jornais e sites de seus respectivos núcleos. Intelectuais aparecem em íntima relação no *Caderno 12*:

Que todos os membros de um partido político devam ser considerados como intelectuais é uma afirmação que pode se prestar à ironia e à caricatura; contudo, se refletirmos bem, nada é mais exato. Será preciso fazer uma distinção de graus: um partido poderá ter uma maior ou menor com posição do grau mais alto ou mais baixo, mas não é isto que importa: importa a função, que é diretiva e organizativa, isto é, educativa, isto é, intelectual (GRAMSCI, 2000, vol. 2, p. 25).

Gramsci apontava no início do século XX que na Itália no contexto de ausência de partidos organizados os

jornais eram capazes de desempenhar funções de informação e de direção política geral:

No estudo dos jornais como capazes de desempenhar a função de partido político, [...] eles cumprem duas funções – a de informação e de direção política geral, e a função de cultura política, literária, artística, científica, que não tem um órgão próprio difundido. [...] Na Itália, pela falta de partidos organizados e centralizados, não se pode prescindir dos jornais: são os jornais agrupados em série, que constituem os verdadeiros partidos (GRAMSCI, 2000, vol. 2, p. 218-221).

Octávio Ianni (2000) retoma a questão do partido político investigando as novas possibilidades de atuação dos partidos tradicionais. Para o autor, no mundo contemporâneo os partidos políticos estão sendo potencializados e redimensionados nas últimas décadas pelas tecnologias de comunicação, encontrando novas possibilidades para divulgação de suas ideologias através da propaganda, inseridas dentro do Príncipe Eletrônico (IANNI, 2000).

CONSIDERAÇÕES

A questão da atuação de movimentos e partidos políticos denominados nos meios jornalísticos sob atribuição de organizações de extrema direita reacende em pesquisas e publicações contemporâneas dentro das ciências sociais o debate sobre o extremismo político de direita como critério interpretativo.

A investigação comparativa da ideologia nacionalista presente na imprensa integralista de sua primeira fase (1932-1938) em relação aos conteúdos ideológicos presentes nos sites e jornais integralistas contemporâneos e, suas aproximações com elementos ideológicos de movimentos e partidos chauvinistas, apresentam-se como pertinente objeto de estudo sociológico diante do debate acadêmico internacional sobre as manifestações em questão.

Em contraposição as tradicionais definições das organizações de caráter fascista como fenômenos políticos restritos ao período entreguerras, marcados pela centralização organizacional através do partido único de massa, com base social na pequena burguesia e de uma liderança central as novas manifestações de movimentos e partidos políticos de extrema direita rearticulam novas possibilidades para suas militância e propaganda ideológica.

Nesse sentido, o presente artigo é parte de uma pesquisa mais ampla sobre a atuação da extrema

¹⁴ BARBOSA, Jefferson R. *Sob a sombra do Eixo: camisas-verdes e o jornal integralista Ação* (1936-1938). Marília: UNESP, Dissertação de mestrado, 2007.

direita brasileira, onde a perspectiva de análise busca compreender como os atuais militantes dos grupos em questão adaptam-se as novas formas organizacionais dos movimentos e partidos da extrema direita, atuantes no cenário internacional; como a descentralização organizacional, a formação de organizações juvenis oriundas da cultura skinhead e, de novas formas de socialização ideológica e propaganda através das novas tecnologias de comunicação como a internet.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Alexandre. **Skinheads: “os mitos ordenados”** do Poder Branco paulista. São Paulo: PUC, Dissertação de mestrado, 2004.
- BARBOSA, Jefferson R. **Sob a sombra do Eixo: camisas-verdes e o jornal integralista Ação (1936-1938)**. Marília: UNESP, Dissertação de mestrado, 2007.
- BELLIGNI, Silvano. Extremismo. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. 2. ed. Trad. João Ferreira, Carmem C. et al. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986. p. 457-459.
- CALIL, Gilberto. **O integralismo no processo político brasileiro - o PRP entre 1945 e 1965: Cães de Guarda da Ordem Burguesa**, Niterói: Tese de Doutorado, 2005.
- CARNEIRO, Marcia Regina. S.R. **Do Sigma ao Sigma – entre a anta, a águia, o leão e o galo – a construção das memórias integralistas**. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFF, 2007. 424 p.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CHAUÏ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: CHAUÏ, M.; FRANCO, Maria S. de Carvalho. **Ideologia e mobilização popular**. Rio de Janeiro: CEDEC/Paz e Terra, 1978.
- CHASIN, José. **O integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo Hiper-tardio**. São Paulo: Ciências Humanas, 1978. p. 663
- CAMUS, Jean-Yves. Metamorfoses políticas na Europa. **Le Monde diplomatique**, maio de 2002. Disponível em < <http://diplo.uol.com.br/>> Data de acesso 6 de agosto de 2007.
- COSTA, Marica Regina – **Os Carecas do subúrbio: caminhos de um nomadismo moderno**. São Paulo, Ed. Vozes, 1993.
- COUTINHO, Carlos N. **Gramsci. Um estudo sobre seu pensamento político**. Rio de Janeiro, Campus, 1989, p. 28-9.
- CRUZ, Natália R. Neo-Integralismo. In: Francisco Carlos T. da Silva. (Org.). **Enciclopédia de Guerras e Revoluções do Século XX**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004a, v., p. 610-612.
- _____. **Neo-integralismo: ideologia e memória**. IV Simpósio Nacional Estado e Poder: Intelectuais. Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, São Luís MA, 2007.
- DIAS, Adriana M. **Anacronautas do teutonismo virtual: uma etnografia do neonazismo na Internet**. Campinas: UNICAMP, Dissertação de mestrado, 2007.
- FLORENTIN, Manuel. **Guia da Europa Negra: Sesenta anos de extrema derecha**. Barcelona: Anaya & Mario Machnik, 1994.
- GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Vol. 2: Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- GRANDE, S. V. de L. **Violência urbana e juventude em São Paulo: um estudo de caso sobre os skinheads**. Araraquara: UNESP, Dissertação de Mestrado, 2001.
- HOCKENOS, Paul. **Livres para odiar**. Neonazistas: ameaça e poder. São Paulo: Scritta, 1995.
- IANNI, Octavio. **Enigmas da modernidade-mundo**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- JESUS, C. G. N. de. **Anti-semitismo e nacionalismo, negacionismo e memória: Revisão Editora e as estratégias da intolerância, 1987–2003**. São Paulo, Editora UNESP, 2006.
- JIMENEZ, José Luís Rodrigues. **La Extrema Derecha Española em el siglo XX**. Madrid: Alianza Editorial S.A, 1997.
- SAMPAIO, Fernando. **Um estudo sobre os carecas urbanos e sua vinculação com movimentos neonazistas no Brasil**. Relatório para a Escola Superior de Geopolítica e Estratégia de 5/11/2000. Disponível em: www.defesanet.com.br/esge/carecas_do_brail.pdf. Acesso em: 10/07/07.
- SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; MEDEIROS, Sabrina Evangelista; VIANNA, Alexander Martins (Org.). **Dicionário crítico do pensamento da direita**. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2000a, p. 109-163.
- SOMOZA, Frank A. O avanço da “extrema direita” dentro do auge do conservadorismo em Europa. **Cuba Siglo XXI**. Disponível em:

http://www.galizacig.com/actualidade/200307/cubaxxi_o_avanzo_da_extrema_direita_eu> Acesso em: 25 de maio de 2006.

TOGLIATTI, Palmiro. **Lições sobre o Fascismo**. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.

TRINDADE, H. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30**. São Paulo: DIFEL, 1974.

_____. **O nazi-fascismo na América Latina: mito e realidade**. 1ª Ed. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2004. 76 p.

VIZENTINI, Paulo F. O ressurgimento da extrema-direita e do neonazismo: a dimensão histórica e internacional. In. MILMAN, Luis; VIZENTINI, Paulo F. (Org.). **Neonazismo, negacionismo e extremismo político**. Porto alegre: Editora da Universidade (UFRGS): CORAG, 2000.

* Doutorando em Ciências Sociais pela Unesp.